

LINGUAGEM E SOCIEDADE

Publicação ABRALIN

15 de dezembro de 2021

uma interpretação

Como poderíamos reunir em uma única proposta as três categorias de estratégias compositivas apresentadas pelo mapeamento?

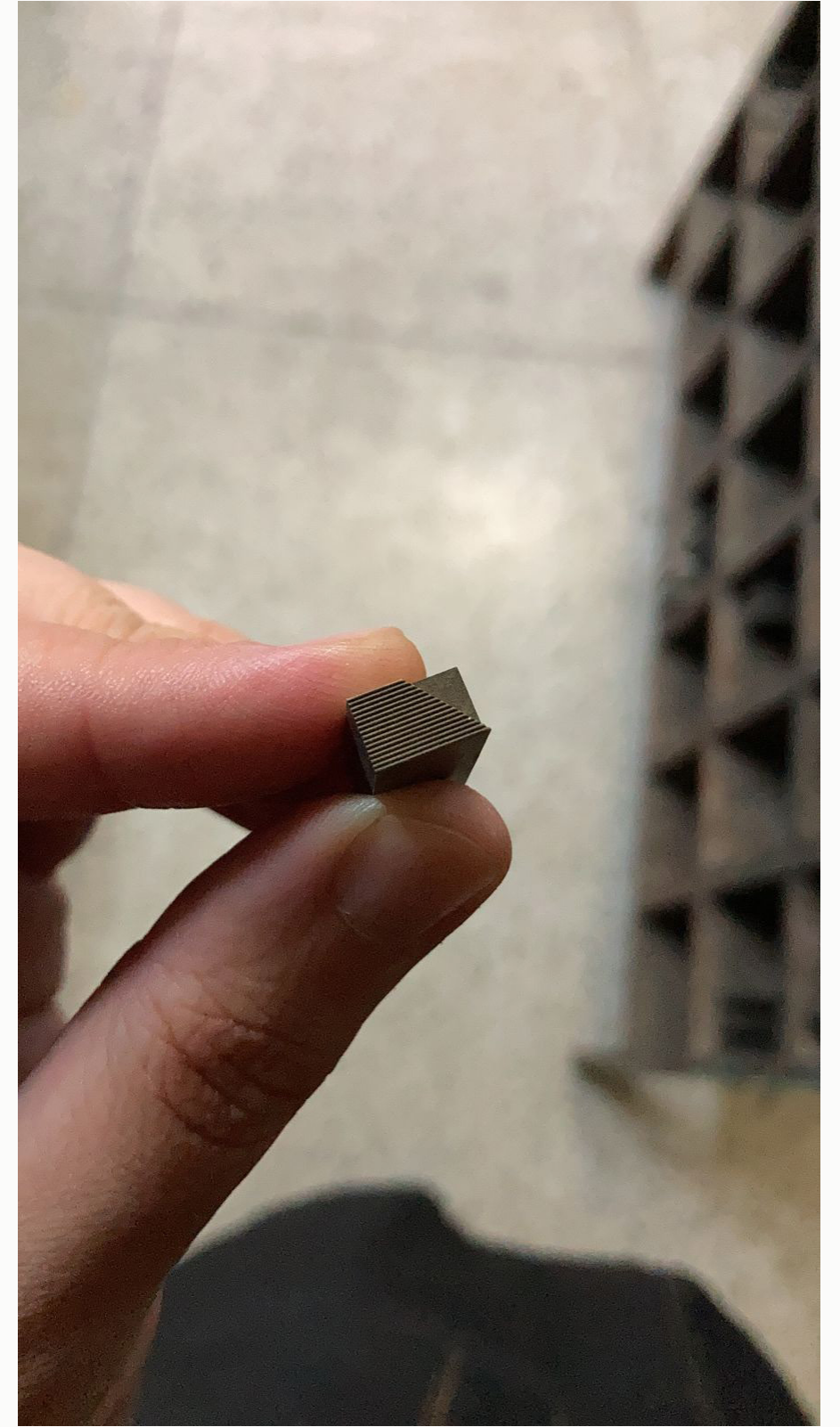
De que maneira articular as três diretrizes apresentadas (estrutura e variação, sistema e clareza)?

a aposta

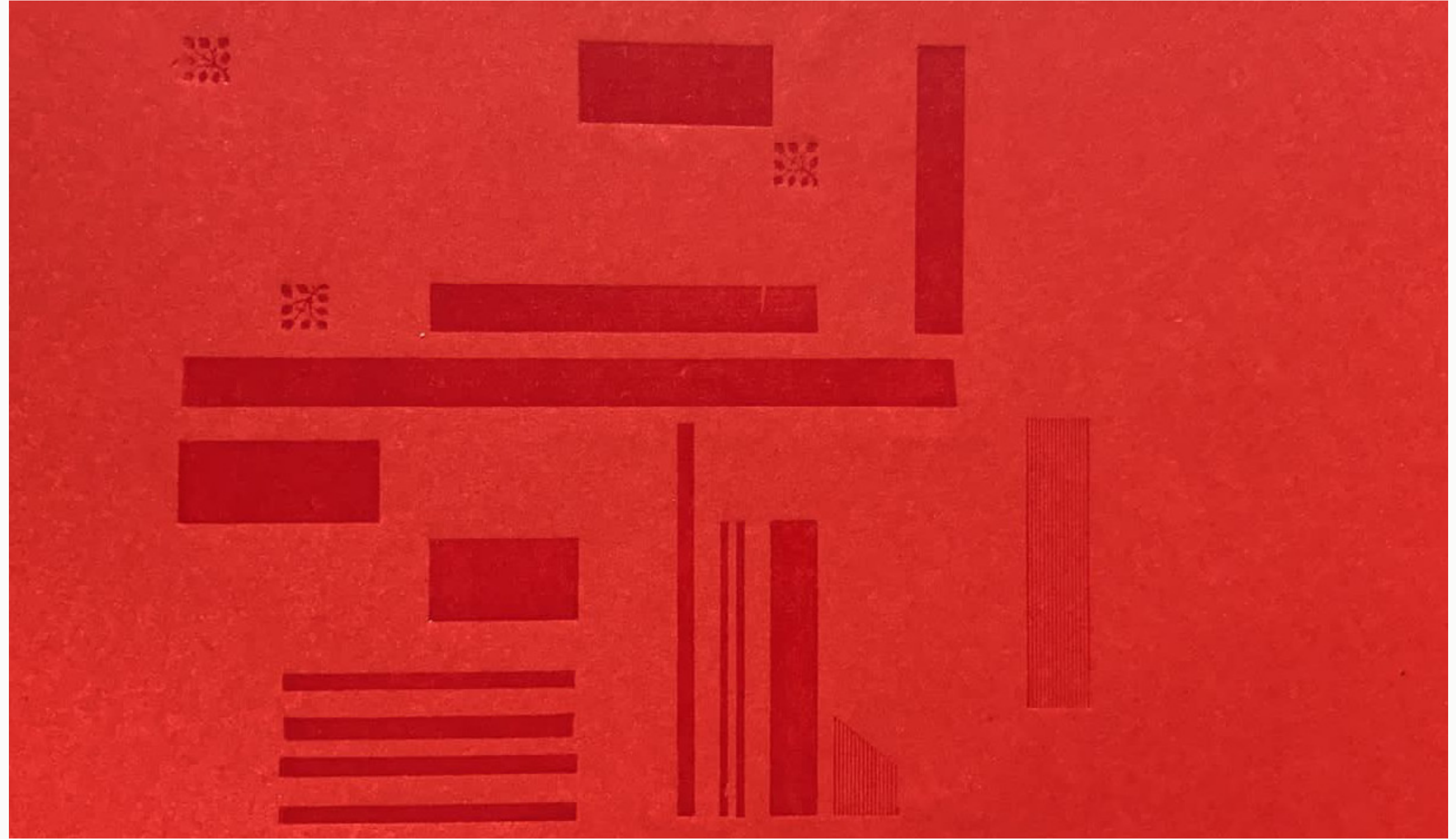
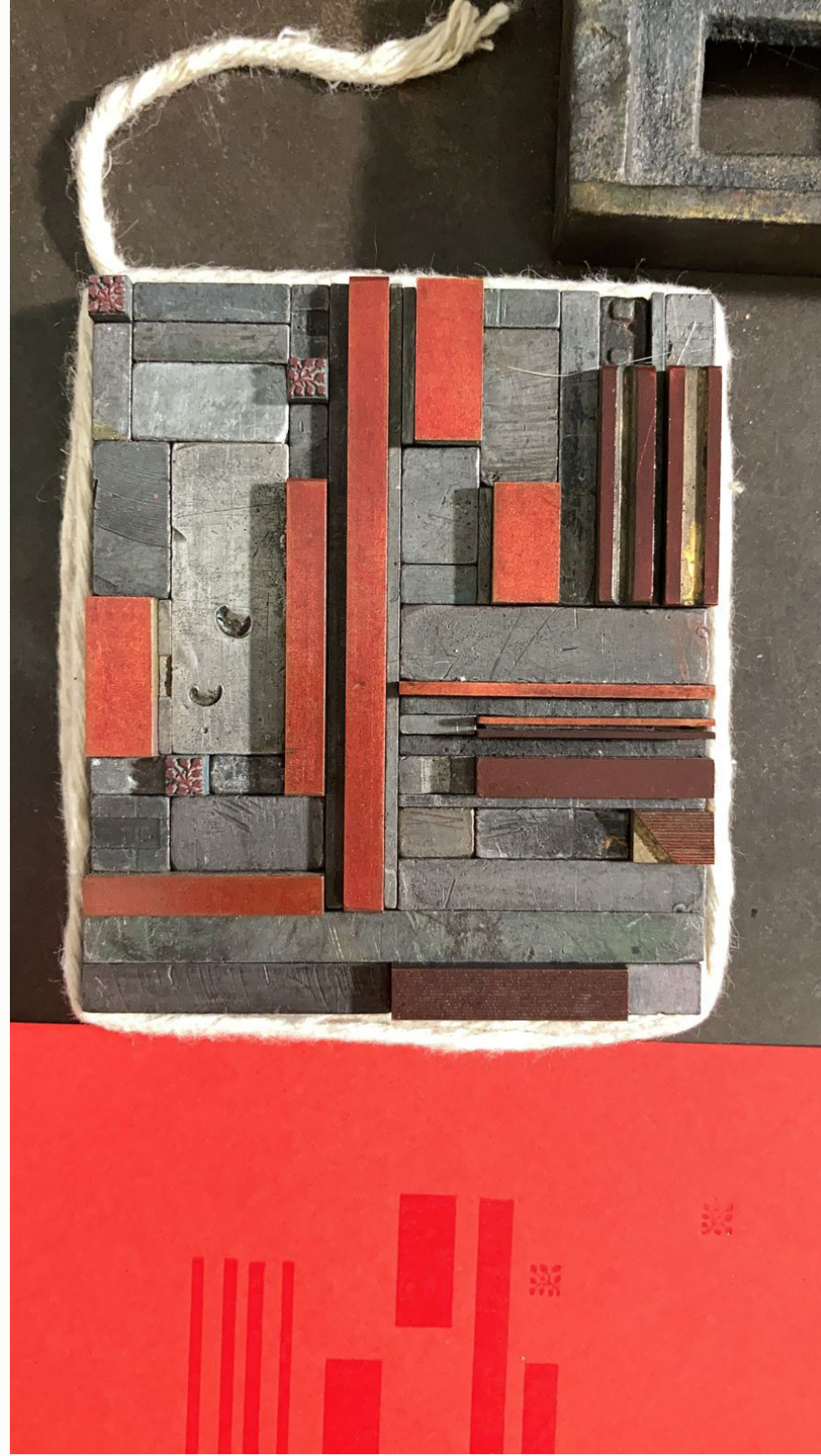
O mundo da tipografia móvel.
Articulação entre manualidade,
síntese e tipografia.



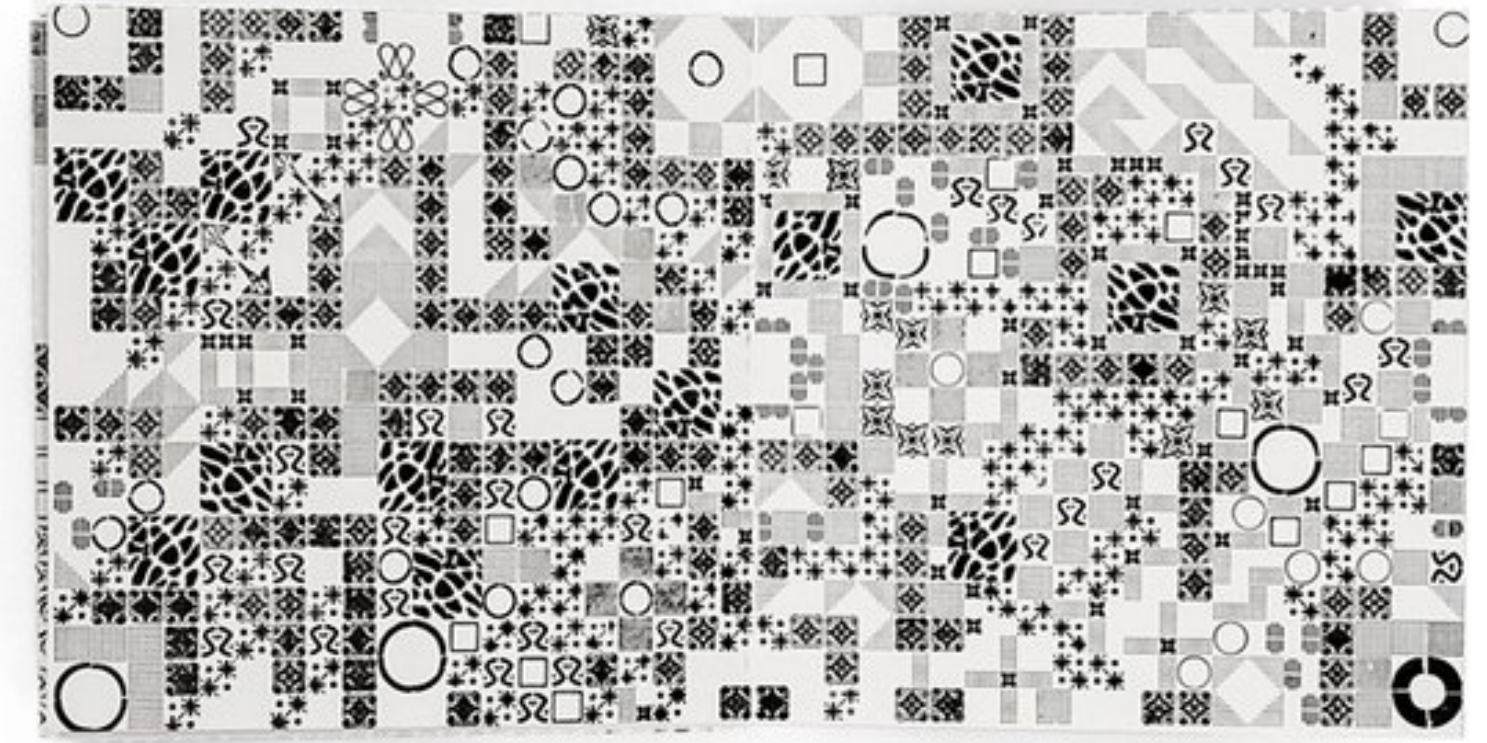
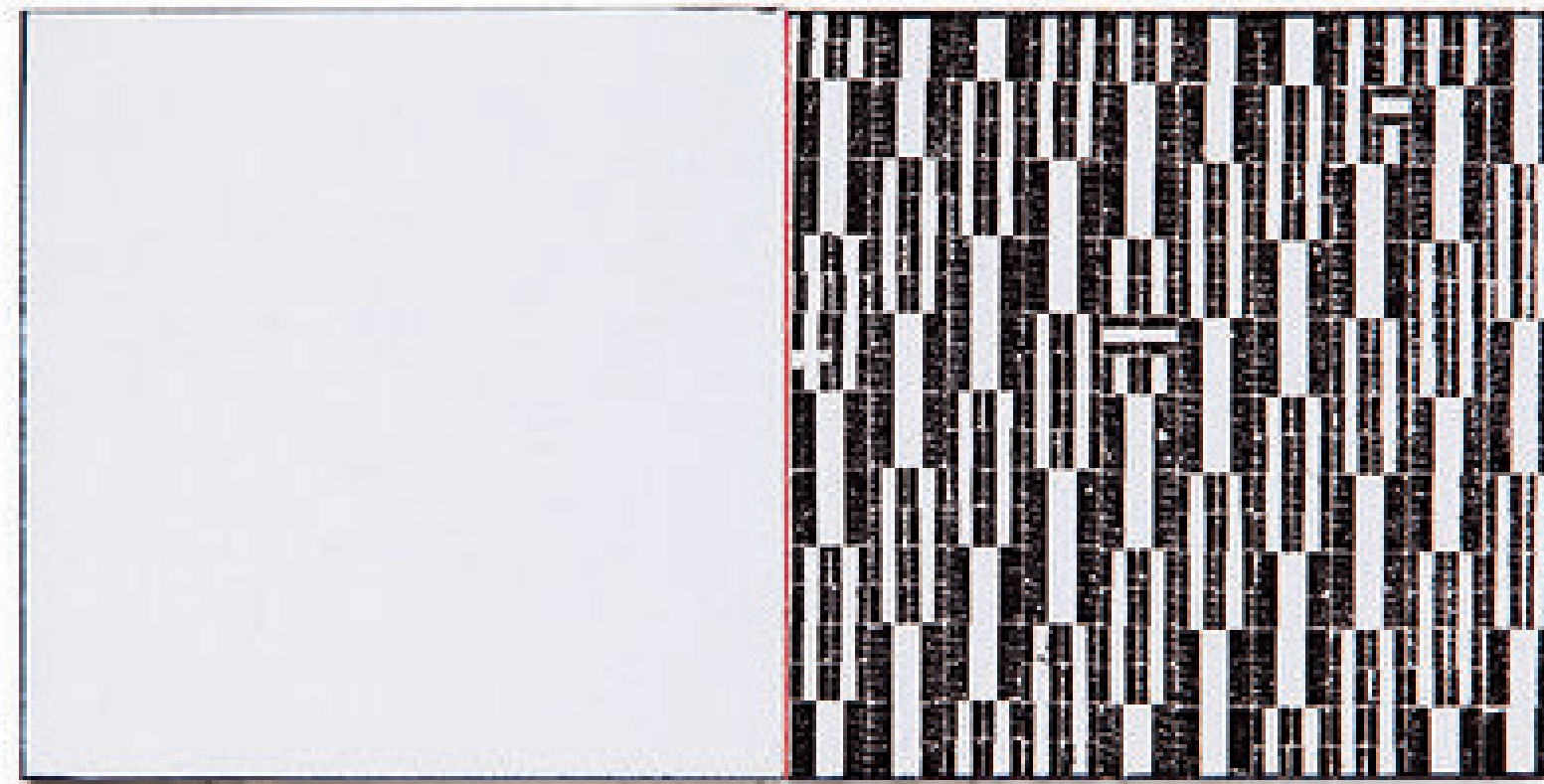
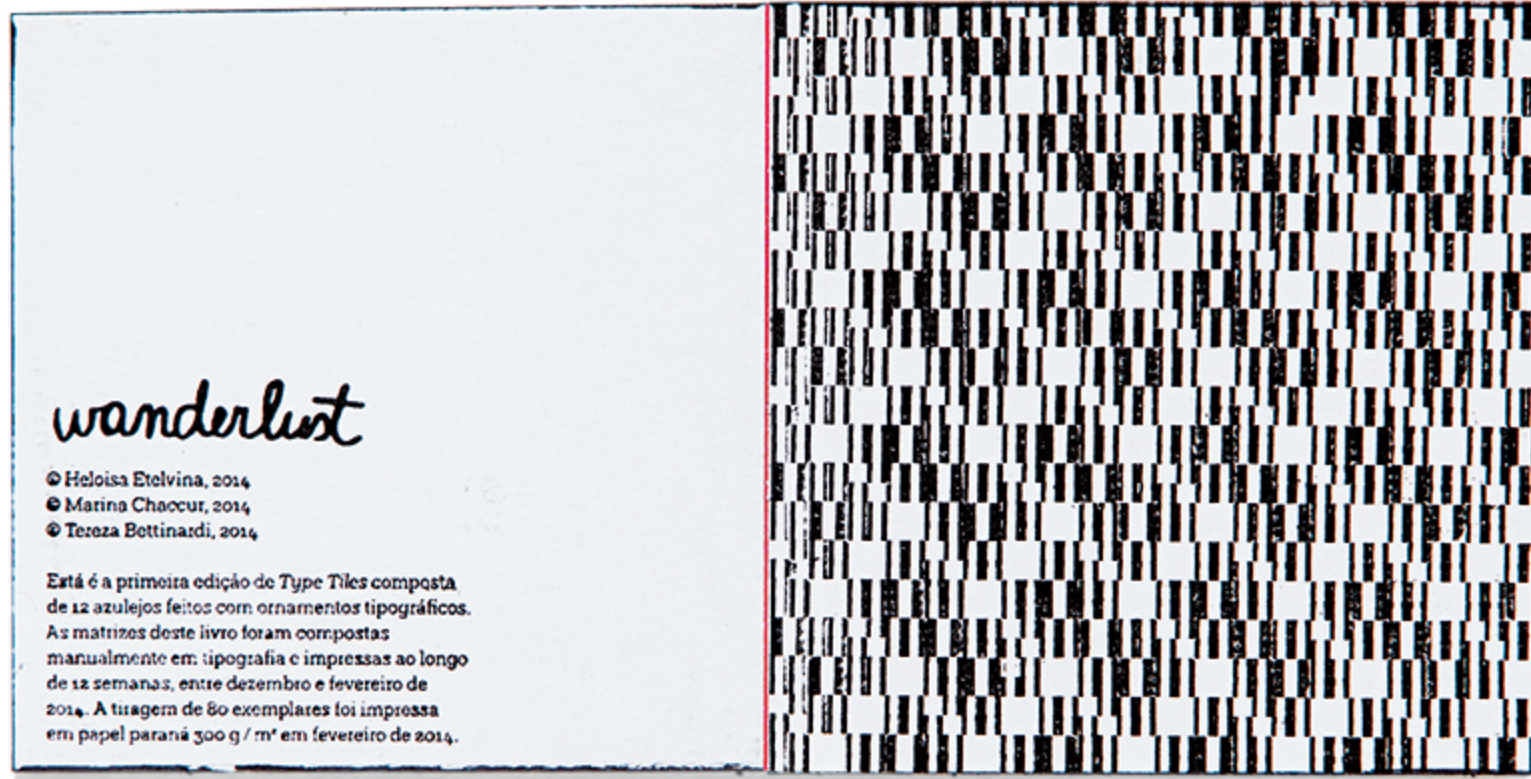
Referência: 62 pontos
Fios e azurês



Referência: 62 pontos
Fios e azurês



Referência: 62 pontos
Fios e azurês



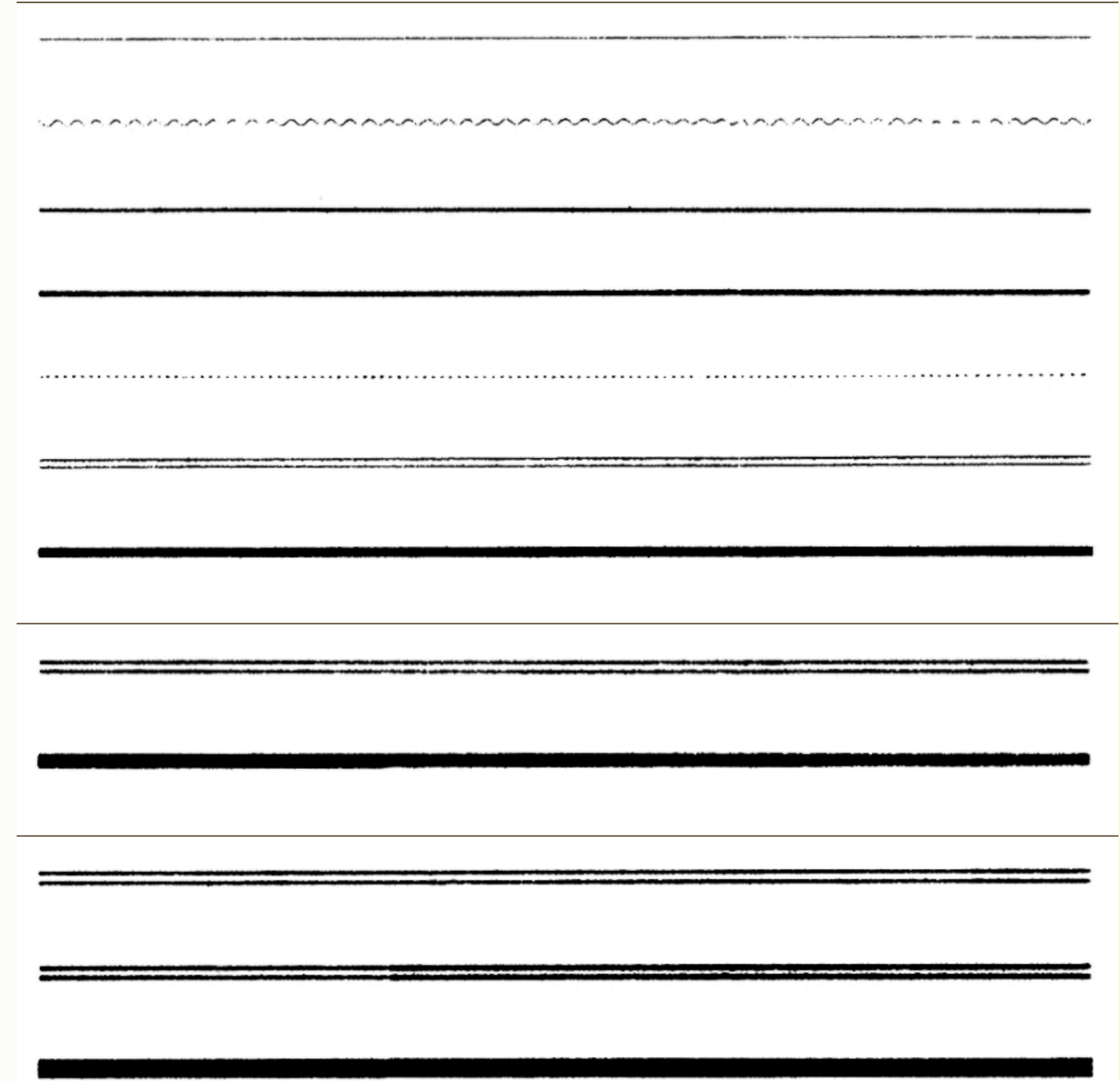
Referência: Heloisa Etelvina
Possibilidade de composições para aberturas

a proposta

Fios, azurês e ornamentos serão a base compositiva do projeto.

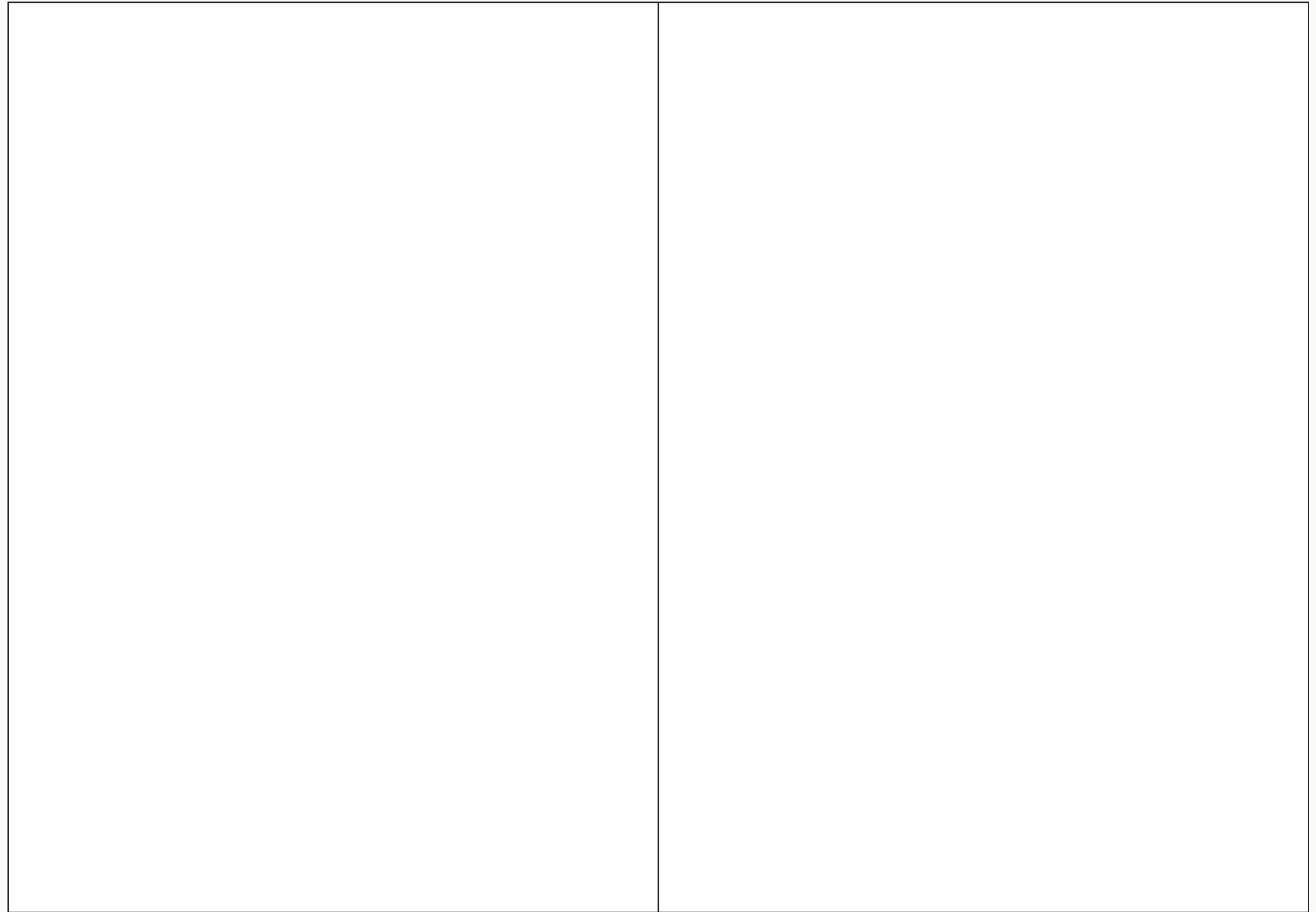
Para a diagramação, os elementos também serão utilizados para destaques específicos como nome do autor, notas, paginação.

a proposta



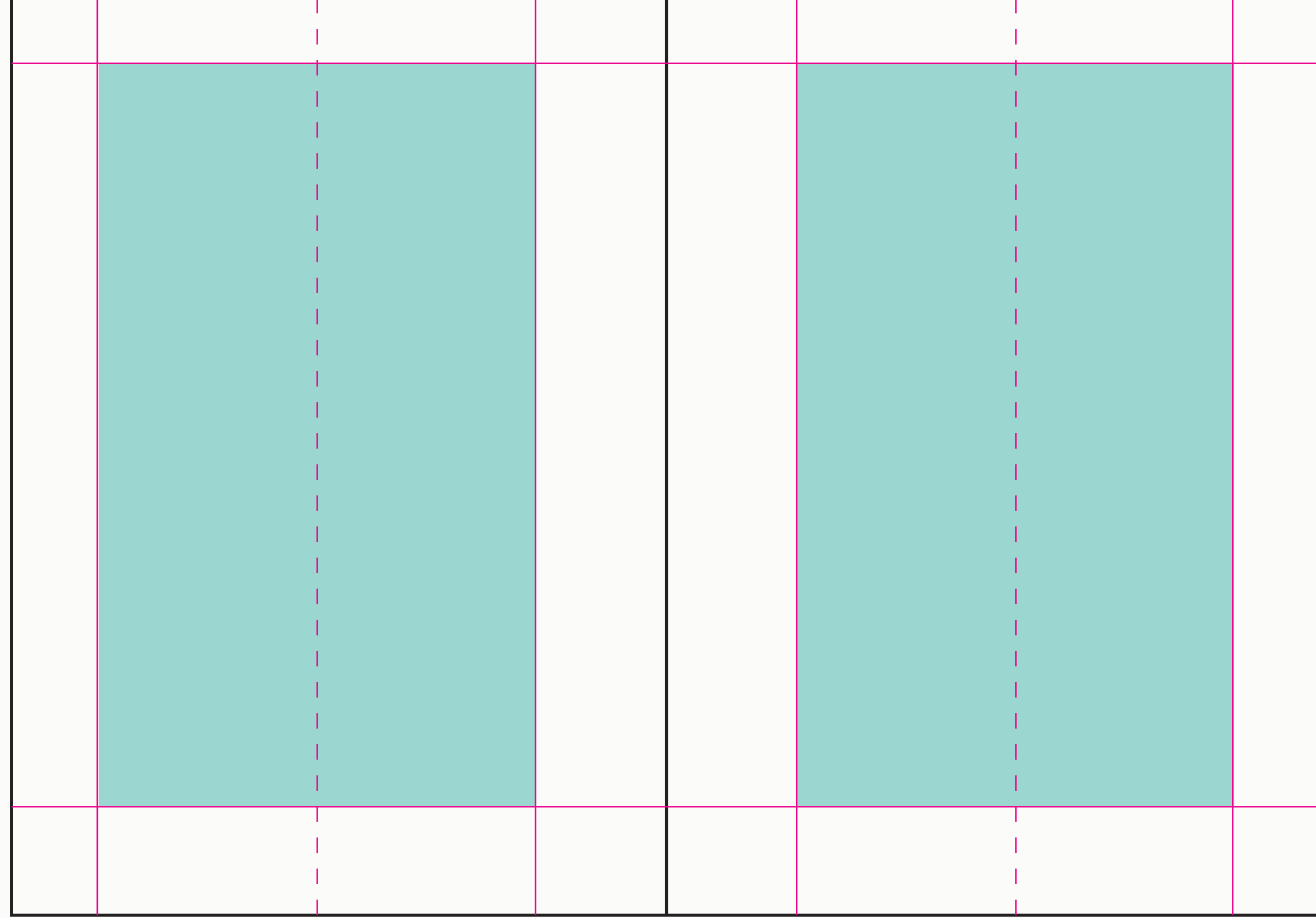
Referência: Tipografia Paulistana
Fios simples

formato



Aberto: 30 x 21 cm
Fechado: 15 x 21 cm

grid



fontes

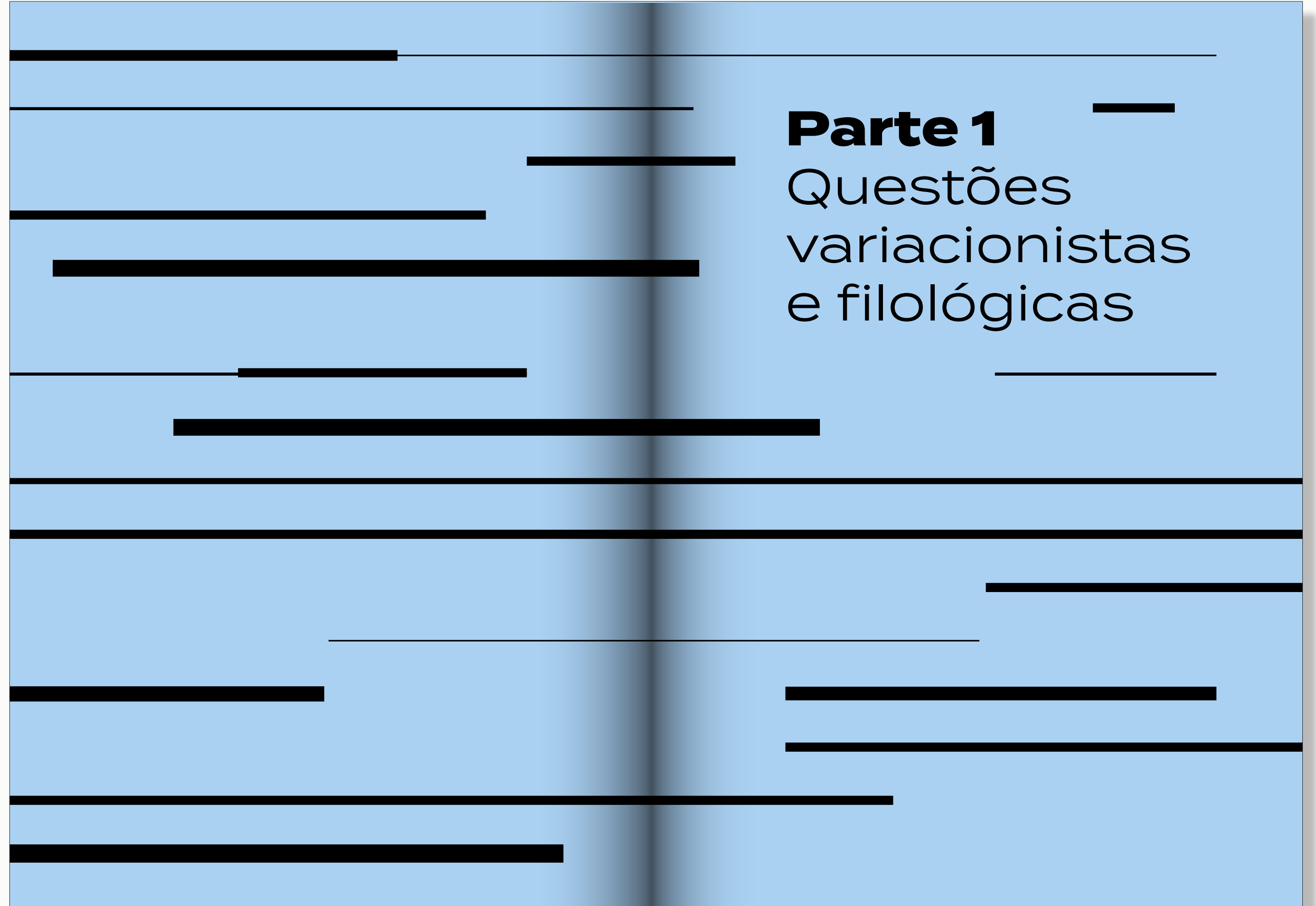
AaBbCc

TERMINA

AaBbCc

NOVEL

aberturas



Parte 1
Questões
variacionistas
e filológicas

composição da página

Estratégias acusativas nas cartas de amor no sertão pernambucano (1950)¹

Cleber Ataíde
Valéria Severina Gomes
Antônia Carolina Alves da Silva

Introdução

Estudos prévios que buscam correlacionar a historicidade da língua e do texto vêm sendo realizados por pesquisadores do Projeto Para a História do Português Brasileiro¹, a exemplo de Marlos de Barros Pessoa (2002) “Da carta a outros gêneros textuais” e Alessandra Castilho da Costa (2012) “Ação – Formulação – Tradição: A correspondência de Câmara Cascudo a Mario de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância comunicativa”. Em comum nesses dois trabalhos, encontra-se a carta como um gênero que possibilita diferentes olhares sobre os processos de variação e mudança da língua e dos textos. No cenário do sertão pernambucano, a pesquisa de Júlio e Ataíde (2018) buscou investigar o comportamento variável dos pronomes de tratamento tu e você em car-

1 Projeto nacional iniciado em 1987, com a participação de equipes de diferentes estados do Brasil, sob a coordenação geral do Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, substituído em 2019, no X Seminário do PHPB, pelo Prof. Dr. Sandro Marcio Drummond Alves Marengo (Universidade Federal de Sergipe). A equipe de Pernambuco foi coordenada pelo Prof. Dr. Marlos de Barros Pessoa, pela Profa. Dra. Valéria Severina Gomes e atualmente é coordenada pelo Prof. Dr. Cleber Alves de Ataíde.

composição da página

tas de amor sertanejas, compreendidas nos anos 50 e 70, controlando os seguintes fatores intralinguísticos: posição sintática de sujeito, categoria preenchida e não preenchida das formas e a relação de concordância sujeito-verbo (S-V).

Essa é a linha de trabalho na qual se insere o presente estudo ao analisar as variações das formas dos paradigmas *tu* e *ocê* no contexto morfossintático acusativo nas cartas de amor do sertão pernambucano na primeira metade do século XX. Desse modo, pretendemos contribuir com os estudos sobre o Português Brasileiro (PB) desenvolvido em várias localidades do país. No sentido de ampliar os estudos com dados de Pernambuco, enveredamos pelo sertão, analisando vinte e duas cartas de amor, produzidas na década de 50 do século XX. A discussão, entre outras reflexões, intenta responder as seguintes questões: i) como se deu a implementação do *ocê* no paradigma de segunda pessoa na função acusativa e a resistência do clítico *te* como estratégia acusativa no Português Brasileiro frente a formas do paradigma de terceira pessoa? ii) Quais contextos morfossintáticos favorecem a ocorrência das formas alternantes na função acusativa na posição pós-verbal?

Para sistematizar essa discussão, o artigo está estruturado em cinco seções, além desta introdução. Na seção 1, encontra-se a articulação teórica, com o estado da arte acerca das pesquisas sobre as estratégias acusativas no Português Brasileiro e as considerações acerca da carta de amor e as tradições discursivas. Na seção 2, é apresentada a metodologia da pesquisa, englobando o *corpus*, o local, o perfil sociocultural dos missivistas pernambucanos e os fatores de análise. Na seção 3, são analisadas a frequência das estratégias acusativas, o uso do acusativo em relação ao sujeito, a posição acusativa em relação ao verbo e os indícios de tradição discursiva. Na sequência, encontram-se algumas considerações finais sobre os dados apresentados e as referências bibliográficas utilizadas.

1 Articulação teórica

Por meio das cartas pernambucanas em análise, passamos a conhecer o entorno de quem as escreveu, sobre o local onde vivia, quando escreveu, além obviamente de podermos identificar as estratégias linguísticas utilizadas (CONDE SILVESTRE, 2007). Com base na perspectiva da Sociolinguística histórica, articulamos a abordagem das estratégias

acusativas, retomando pesquisas anteriores; a carta pessoal com um gênero que favorece a identificação das normas de uso da língua em um contexto de espontaneidade e proximidade em correlação com a noção de tradição discursiva, no sentido de identificar modos tradicionais de dizer que fazem parte da natureza do texto.

1.1 As estratégias acusativas no Brasil

No livro *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra numa perspectiva funcionalista*, publicado recentemente pela editora Contexto, Lopes et al. (2018) sintetizam diversos estudos acerca do preenchimento do sujeito e dos complementos acusativos, dativos e oblíquos realizados com cartas pessoais dos séculos XIX e XX, nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Santa Catarina. Na análise dos dados, os autores (2018) encontraram as seguintes estratégias² ocupando a função acusativa: alisado pelos autores:

1 [20,1 CP BA]. No momento mais triste da minha vida **te encontrei** o mesmo amigo dos bons tempos do Collegio São João.

2 [20,1 CP MG] [...] a nave que **ocê** pilota há de erguer voo seguro **elevando você** às alturas onde quizer ficar.

3 [19,2 CP BA] Percizava **ello** para sentar as couzas milhor que Deus os traga em Santa Páz, é pelo que fasêmos vótos.

4 [19,2 CP RJ] Com affecto **lhe abraço** e sou sua irmã nos Santíssimos Corações de Jesus e Maria Sor Maria da Divina Pastora. Religiosa do Bom Pastor.

5 [20,1 CP RJ] [...] eu vou bem graças a Deus, de saúde, de amor tu sabes como me sinto, cada vez mais cego, e cada vez querendo **amar** mais.

Os resultados gerais – com a soma dos dados dos sete estados – apontaram o *te* como clítico mais produtivo, com frequência de 67%. O clítico *o/a* em referência à segunda pessoa figurou em 14% do *corpus*, sendo a segunda estratégia mais utilizada. O clítico *lhe* representa a terceira estratégia mais empregada pelos missivistas, aproximando-se

² cf. Lopes et al., 2018, p. 149

composição da página

próximo ao contínuo da proximidade comunicativa, o que pode favorecer a ocorrência do fenômeno da variação linguística. Além disso, a carta de amor pode proporcionar a ocorrência da segunda pessoa do singular, por se tratar de uma interação entre um casal. Por fim, a carta de amor foi escolhida para nossa investigação, porque foi um material que sobreviveu 'por sorte' nos acervos familiares.

De acordo com Gomes e Lopes (2014, p.14), "o gênero "carta pessoal" apresenta fórmulas típicas repetidas em sua composição que remetem a usos pertencentes à natureza do texto". As autoras mostram a relevância do conceito de Tradição Discursiva para os estudos que envolvem a historicidade da língua e do texto, considerando que determinados usos linguísticos não correspondem à norma predominante, mas às marcas recorrentes na composição do gênero. Ao pensar nessas fórmulas típicas repetidas é possível entender a afirmação de Kabatek (2006, p. 512) quando diz que tradição discursiva "é a repetição de um texto ou forma textual que evoca uma determinada constelação discursiva".

Em vista disso, o conceito de Tradição Discursiva torna-se importante, uma vez que determinados usos linguísticos são motivados pela natureza do texto, e não pela norma de uso predominante. Isso ocorre porque "um texto pode corresponder a toda uma série de tradições co-presentes ao mesmo tempo; e a investigação empírica das TDs tem a tarefa da identificação dessa rede de tradições" (KABATEK, 2012, p. 586). Nessa perspectiva, o modelo de TD "revela recorrência a certas fórmulas, atos de fala, estilos, que estabelecem, na construção de um texto ou discurso, uma relação entre o momento atual e a tradição" (ANDRADE; GOMES, 2018, p. 30). Gomes e Lopes (2014, p. 23) reafirmam que a relevância do paradigma das TD para a análise dos dados resulta de que "no processo analítico sócio-histórico dos usos linguísticos, percebermos uma distinção entre as ocorrências que retratam a norma vigente no período estudado e as fórmulas fixas, repetidas, convencionalizadas em determinado gênero particular".

Com base nessa articulação teórica, a proposta do presente artigo é analisar as variações das formas dos paradigmas tu e você no contexto morfossintático acusativo nas cartas de amor do sertão pernambucano na primeira metade do século XX, cujas definições metodológicas serão abordadas no tópico seguinte.

2 Definições metodológicas

Seguindo o aporte teórico-metodológico adotado por Gomes e Lopes (2014), ao analisarem cartas pernambucanas do Recife e região metropolitana, utilizamos o modelo de análise quali-quantitativo para abordar os dados coletados na amostra de cartas de amor do sertão. Quanto aos procedimentos metodológicos, neste tópico definimos o corpus, o contexto de produção das cartas, o perfil dos missivistas e os fatores de análise.

2.1 O corpus

Para o estudo das estratégias acusativas que fazem referência ao interlocutor, selecionamos um corpus composto por 22 cartas, pertencentes ao subgênero carta de amor, escritas na década de 50 do século XX por missivistas não ilustres, no sítio Brejinho, localizado na cidade de Triunfo, situada no Sertão de Pernambuco. Desse acervo, 8 cartas não possuem data, porém, pelos traços presentes nas missivas, como, por exemplo, a continuidade do assunto enviado em uma carta anterior, assumimos que esse material foi escrito entre os anos de 1956-1960. O arquivo pertence à Família Ramos³ e está distribuído da seguinte forma:

QUADRO 3: ORGANIZAÇÃO DO CORPUS

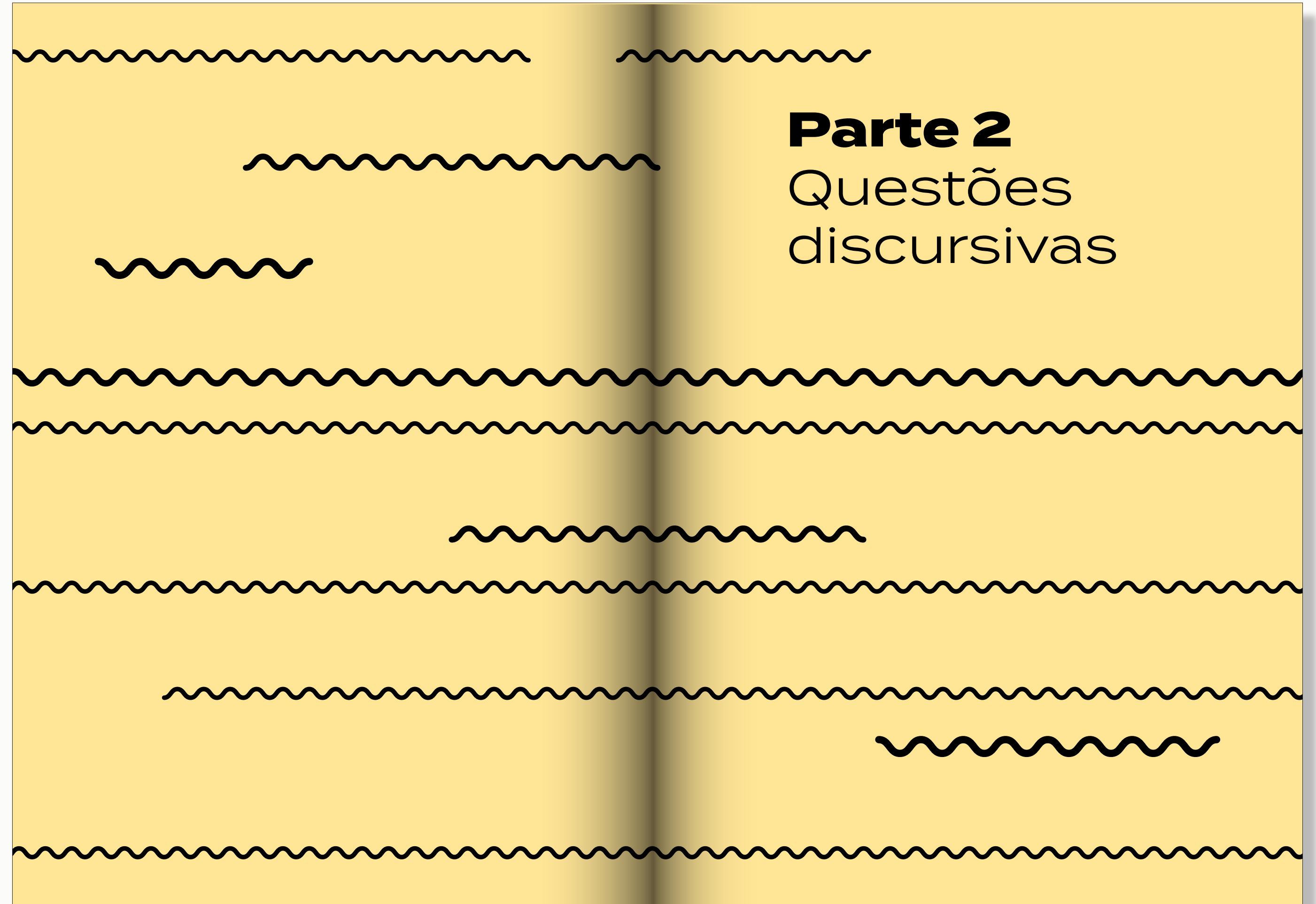
Missivista	Quantidade de cartas	Período da escrita
Missivista Feminina (M.R.)	1	Sem data
Missivista Masculino (R.S.)	21	14 cartas: 1956-1958 7 cartas: sem data

Fonte: Elaborado pelos autores.

O corpus foi coletado no escopo do projeto intitulado Banco Informatizado de Textos: a construção de um corpus de manuscritos e impressos pernambucanos do século XIX, XX e XXI. O acervo está disponibilizado na plataforma digital do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc), coordenado pelo professor Cleber Ataíde.

³ O acervo foi doado pelos membros da família para o Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc), com autorização para pesquisa e publicação.

aberturas



composição da página

Maternidade e mulher no jornal mulherio (1981-1988): nas frestas da memória

Palmira Heine Alvarez
Andréia Abdon Peixoto

Introdução

Há algum tempo, a questão da construção simbólico-discursiva sobre a mulher em diversas materialidades midiáticas históricas tem nos interessado. Assim, no Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise de Discurso (GEPEAD), cujas pesquisas e discussões ocorrem no âmbito da Universidade Estadual de Feira de Santana, temos debatido questões sobre gênero e discurso, principalmente no que diz respeito aos modos de discursivização da mulher que nos permitem compreender as formas de constituição dos sentidos de feminilidade.

Diante disso, nos debruçamos agora sobre uma materialidade jornalística feminista: o jornal Mulherio, que circulou no Brasil entre 1981 a 1988, resistindo, na época, à ditadura militar que já estava nos seus últimos anos. O objetivo desse trabalho, portanto, é pensar o jornal Mulherio como um instrumento, que resistindo à formação ideológica dominante, ousava dizer o que era silenciado através do silêncio local, conforme postulado por Orlandi (2007), ou seja, do silêncio da censura, da interdição, aquele que não permite que determinados sentidos sejam instaurados. As frestas do movimento dos sujeitos enunciativos nesse

detalhes

- nome autor(a)
- separação nota
- paginação
- numeração notas

Cartas de no sertão pernambuca (1950)¹

Cleber Ataíde
Valéria Severina Gomes
Antônia Carolina Alves da Silva

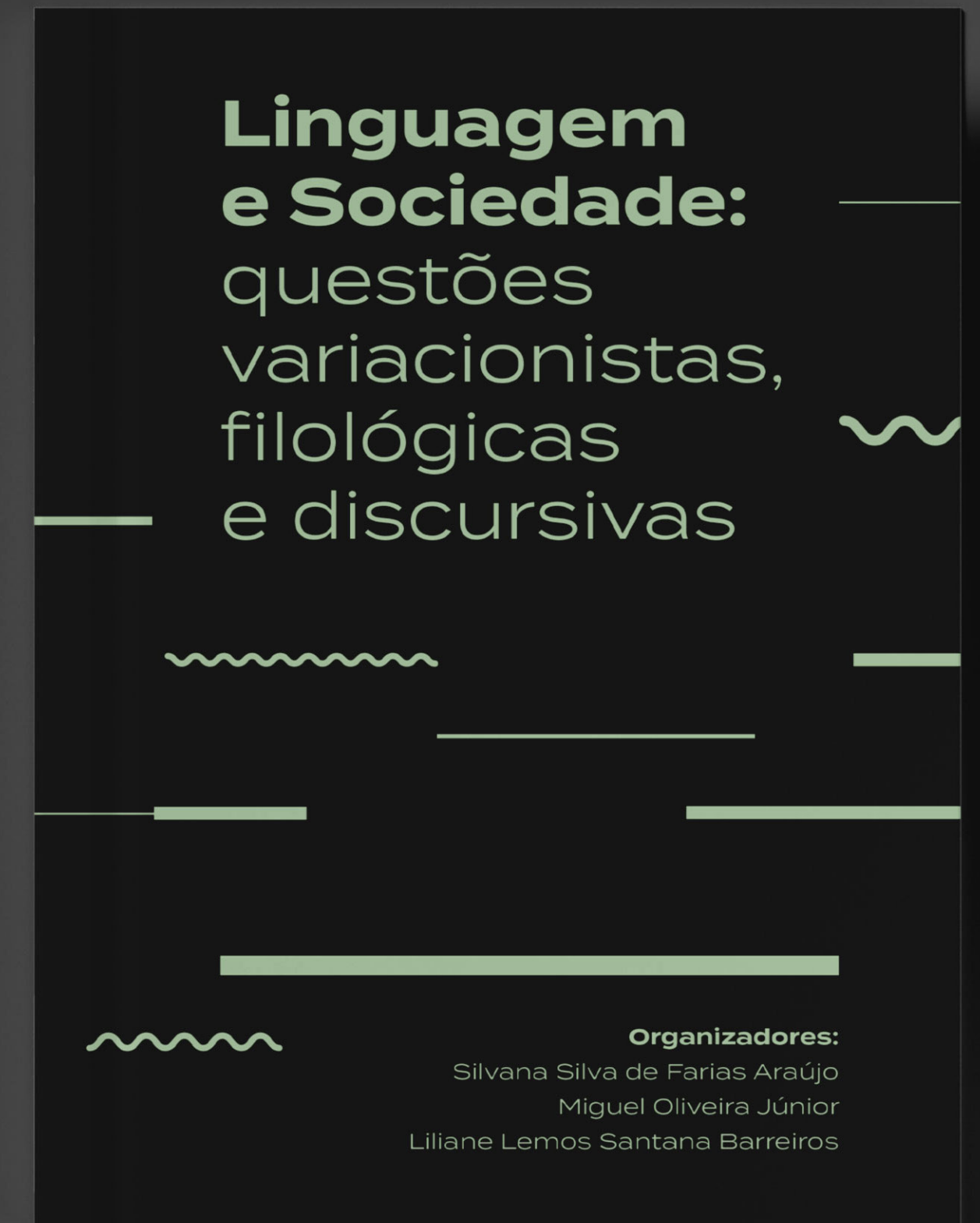
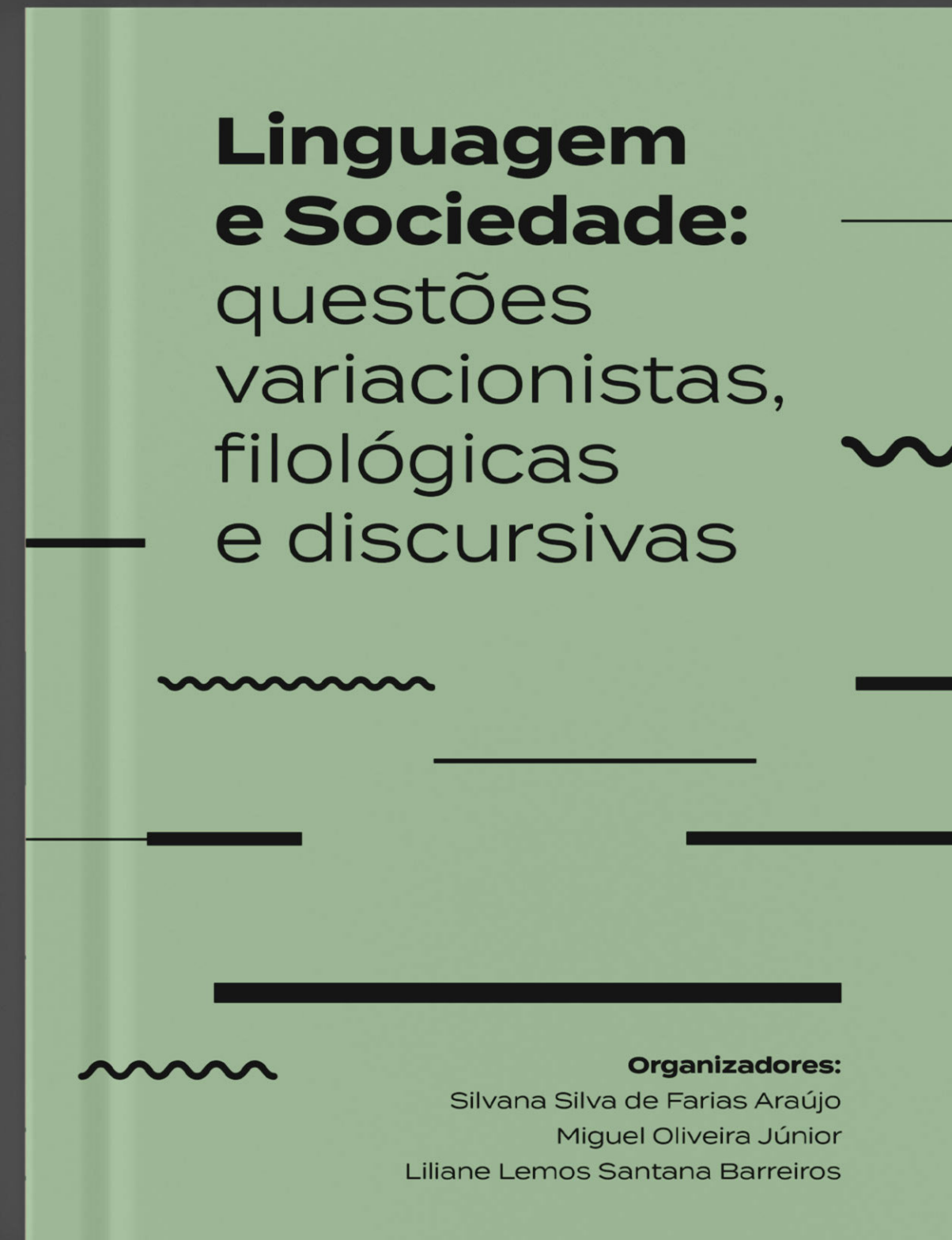
prévios que buscam com
to vêm sendo realizados por pesquis
do Português Brasileiro¹, a exemplo de Mar
“Da carta a outros gêneros textuais” e Alessan
(2012) “Ação – Formulação – Tradição: A correspo
Casculdo a Mario de Andrade de 1924 a 1944, entre
cia comunicativa”. Em comum nesses dois trabalh
como um gênero que possibilita diferentes olhares
de variação e mudança da língua e dos textos. No cen
pernambucano, a pesquisa de Júlio e Ataíde (2018) l
comportamento variável dos pronomes de tratame

¹ Projeto nacional iniciado em 1987, com a part
diferentes estados do Brasil, sob a coordenação
Teixeira de Castilho, substituído em 2019, no X
Prof. Dr. Sandro Marcio Drummond Alves Mar
de Sergipe). A equipe de Pernambuco foi c
Barros Pessoa, pela Profa. Dra. Valéri
enada pelo Prof. Dr. Cleber Alves

pro de ma
“gêneros textuais” e Alessandra Ca
Formulação – Tradição: A correspondência
rio de Andrade de 1924 a 1944, entre proximida
cativa”. Em comum nesses dois trabalhos, encontra
o gênero que possibilita diferentes olhares sobre os proc
ação e mudança da língua e dos textos. No cenário do sertão
mbucano, a pesquisa de Júlio e Ataíde (2018) buscou investiga
comportamento variável dos pronomes de tratamento tu e você em c

o projeto nacional iniciado em 1987, com a participação de equipes de
ntes estados do Brasil, sob a coordenação geral do Prof. Dr. Atalid
a de Castilho, substituído em 2019, no X Seminário do PHPB, pe
r. Sandro Marcio Drummond Alves Marengo (Universidade Fed
ipe). A equipe de Pernambuco foi coordena pelo Prof. Dr. Mar
s Pessoa, pela Profa. Dra. Valéria Severina Gomes e atualm
da pelo Prof. Dr. Cleber Alves de Ataíde.

Exercício capa



GUAYABO

GUAYA.BO/PORTFOLIO

55 31 97574 0005

estudio@guayabo.com.br
